

RESISTÊNCIA FEMININA NA SOCIEDADE IRANIANA: UM ESTUDO ACERCA DO FILME PERSÉPOLIS

Júlia Victória dos Santos Soares^{1*}, Karinny Fabiano da Silva¹, Ana Carla Barbosa
Cardoso¹, Eveline Caldeira Vasconcelos¹

1. UFGD;

*Autor para contato: soaresjulia2002@outlook.com

Nesta pesquisa buscamos analisar/compreender a resistência feminina a partir da vida de Marjane Satrapi como mulher iraniana na obra cinematográfica francesa Persépolis (2007) dirigida por ela e Vincent Paronnaud. A motivação para a pesquisa surgiu após o filme ser apresentado e debatido no grupo PET de Geografia, buscando referências com textos geográficos sobre o corpo e artigos que abordam o feminismo. A personagem principal do filme, frente às mudanças político-sociais ocasionadas pela Revolução Iraniana, luta contra um novo sistema político que impôs regras absurdas para a população feminina. Satrapi viveu até os dez anos em um sistema não tão repressor, mas a revolução iraniana transformou sua vida e a sociedade. Considerando esse contexto, objetivamos explorar e discutir algumas questões abordadas pelo filme relativas à condição de ser mulher no Irã, mais especificamente por meio da personagem de Marjane, assim como suas matriarcas e as diferentes maneiras de resistir à nova organização social do país. Ao longo dos anos, as mulheres em inúmeras sociedades foram vistas como inferiores aos homens, havendo fragmentos disso em todas as esferas da sociedade, no contexto apresentado pelo filme, nota-se essa disparidade muito claramente a partir das restrições impostas aos corpos das mulheres iranianas. De acordo com Silva et al (2013, p. 98) “Embora o corpo apresente uma materialidade, essa materialidade é sempre construída pelo discurso, assim como o espaço. Deste modo, tal como o corpo, o espaço também é produzido discursivamente. A materialidade do corpo apresenta toda a força do discurso heteronormativo, mas ele também não é passível ao exercício de poder regulatório, podendo apresentar fissuras, pelas quais emergem as forças de subversão das normas estabelecidas”. Neste sentido, entende-se que o corpo, assim como o espaço, sofre grandes influências de discursos e normas sociais, mas que

esses não são fatores absolutos e podem ser confrontados (ou até mesmo alterados) com atos de resistência. Na obra cinematográfica, a personagem principal cresceu observando sua mãe e avó se contraporem ao sistema opressor de maneiras diferentes, desde não se deixar intimidar por um homem hostil que abordou a mãe de Marjane na saída do mercado ordenando que ela vestisse seu véu, até a forma que sua avó encontrou para manter o corpo perfumado: colocando flores dentro do sutiã. Certamente, essas ações e falas vindas das duas maiores influências femininas de Marjane encorajaram-na a constantemente questionar atos que culpabilizam sempre a mulher dentro da sociedade, como quando a personagem confronta o conselho universitário sobre o fato das vestimentas masculinas não serem regulamentadas tão veementemente quanto as femininas ou por Marjane ser repreendida por policiais ao correr pois os movimentos sensualizam seus quadris, mas ela reage dizendo apenas para que não olhassem para ela, dentre outras situações. A partir da pesquisa pudemos identificar os espaços de resistência feminina presentes no longa Persépolis, que nos fizeram refletir sobre as formas de repressão impostas às mulheres e como elas resistem firmemente.

Palavras-chave: Corpo, Gênero, Linguagem cinematográfica.

Agradecimentos: Ao Programa PET/MEC pela concessão de bolsa às autoras.